

**AS AVENTURAS DE CHINA IRON E A BÍBLIA**Eli Brandão<sup>1</sup>Kinno Cerqueira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo examina a relação entre o romance *As aventuras de China Iron* (2017), de Gabriela Cabezón Cámara, e a Bíblia. São dezessete alusões à Bíblia no romance, sendo cinco analisadas comparativamente. O romance entabula diálogo mordaz com a Bíblia. A tomada de imagens, figuras e temas bíblicos para a urdidura do romance aparece desprovida de agonia e afã de sobreposição. O romance se filia a uma determinada tradição, intrínseca à formação do Testamento Cristão e presente em correntes consagradas da hermenêutica bíblica, que consiste na desumbilicalização de textos bíblicos com respeito a seus contextos de origem em benefício de ressignificações. A fratura instaurada pelo *As aventuras de China Iron* consiste em fazer sua dinâmica desumbilicalizadora – corte produtivo – funcionar como máquina de profanação: a abertura desencadeada pelo corte faz o sentido vazar da esfera mítica à prosaica. Tal corte é de índole liberadora e fabril, posto que sentidos encarcerados festejam sua liberdade, e o prosaico é reabilitado como oficina semântica e hermenêutica.

**Palavras-chave:** Literatura. Bíblia. Ressignificação. Gabriela Cabezón Cámara.

**THE ADVENTURES OF CHINA IRON AND THE BIBLE**

**Abstract:** This article examines the relationship between the novel *The Adventures of China Iron* (2017), by Gabriela Cabezón Cámara, and the Bible. There are seventeen allusions to the Bible in the novel, five of which are analyzed comparatively. The novel engages in a subtly mordant dialogue with the Bible. Its appropriation of biblical images, figures, and themes for the weaving of the narrative appears devoid of anguish or any ambition to supersede the sacred text. The novel affiliates itself with a particular tradition, intrinsic to the formation of the Christian Testament and present in established currents of biblical hermeneutics, consisting in the deumbilicalization of biblical texts from their original contexts for the sake of resignifications. The rupture established by *The Adventures of China Iron* lies in making this deumbilicalizing dynamic — a productive severance — function as a machine of profanation: the opening triggered by the cut causes meaning to overflow from the mythical sphere into the prosaic one. Such a cut is liberating and productive in nature: imprisoned meanings celebrate their freedom, and the prosaic is rehabilitated as semantic workshop and hermeneutics.

**Keywords:** Literature. Bible. Resignification. Gabriela Cabezón Cámara.

<sup>1</sup> Pós-Doutorado na Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Granada, España, e pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB. Universidade Estadual da Paraíba. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8355-9413>. E-mail: [elibrandao.uepb@gmail.com](mailto:elibrandao.uepb@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com estância de estudos doutorais na Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Granada (UGR), na Espanha, pelo Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE) da CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5973-4218>. E-mail: [kinno\\_cerqueira@hotmail.com](mailto:kinno_cerqueira@hotmail.com).

Publicado na Argentina (2017) e no Brasil (2021), *As aventuras de China Iron*<sup>3</sup>, romance de Gabriela Cabezón Cámara, tem chamado a atenção dos estudos literários e gerado grande repercussão; a profusão de ensaios sobre a obra é um caso raro de rápida inscrição de um texto literário numa dinâmica de significação fecundada pela pluralidade de enfoques temáticos e perspectivas teóricas.

No contexto argentino, a importância da obra deve-se, em grande medida, à particularidade de seu lugar no rol de empreitadas literárias que se fizeram na tomada de posição frente a *Martin Fierro*, a grande epopeia fundadora da nacionalidade argentina, publicada por José Hernández (1834-1886), em 1872 e 1879<sup>4</sup>, como contraponto ao projeto de nação de Domingos Faustino Sarmiento (1811-1888), que se consignara em 1845 no livro *Facundo: civilización y barbarie en las pampas argentinas*.

Com *As aventuras de China Iron*, Gabriela Gabezón Cámara entabula um diálogo *sui generis* com *Martin Fierro*, singularizando-se em relação às produções literárias que lhe precederam na revisitação a *Martin Fierro*, como as de Jorge Luis Borges (*Biografía de Tadeo Isidoro Cruz [1829-1874] y El fin*), Pablo Katchadjian (*Martín Fierro ordenado alfabéticamente*), Martín Kohan (*El amor*) e Oscar Fariña (*El guacho Martín Fierro*).

No mais das vezes, as leituras de *As aventuras de China Iron* concebem-na como “paródia” e “reescritura” de *Martin Fierro*, com toda a complexidade implicada nessas duas categorias. A problematização da identidade argentina é concebida como contributo maior da obra; investigam-se seus dispositivos de desestabilização dos cronotopos do imaginário argentino (GRAS, 2020; FRÍAS, 2021; DESTÉFANIS, 2022). Mas as leituras espraiam-se, distendem-se pelas inervações da obra: procuram as cosmogonias gestadas por subjetivações dissidentes (ROLLI, 2020); perscrutam as potências políticas do amor lésbico (ROTGER, 2020); desvelam a dimensão eclipsada da pampa (LEONE, 2021); esmaecem fronteiras, expandem os corpos (PORTELA, 2019). E a crítica volta a ser crise: suspensão das verdades consagradas, dignificação de sussurros, possibilidade de ser-mais.

Diga-se, porém, que as aproximações a um texto literário sempre se veem atravessadas pelo binômio “atenção-indiferença”: quando se escolhe o que mostrar, decide-se, ao mesmo

<sup>3</sup> O vocábulo “china” pode designar, dentre outras acepções, uma pessoa nascida da cópula entre uma pessoa branca e uma pessoa negra ou uma pessoa indígena descendente dos antigos indígenas do território que passou a ser chamado de Argentina (DICCIONARIO ARGENTINO, 1910, p. 155-156).

<sup>4</sup> “José Hernández publicou a epopeia *Martin Fierro* em duas partes diferentes entre si: *La ida de Martin Fierro* (1872) e *La vuelta de Martin Fierro* (1879)” (VÁZQUEZ, 2022, p. 14).

tempo, sobre o que não mostrar. Toda percepção é refratária, a leitura é mensuração do incomensurável. Confirma-o a indiferença ao tema da religião em ensaios que versam sobre uma obra na qual abundam alusões à religião cristã e à Bíblia<sup>5</sup>.

O que explicaria tal indiferença? Certamente, não há resposta de todo satisfatória, mas há explicações que talvez mereçam algum crédito. Os estudos literários tendem a enfatizar aquilo que parece ser mais ululante no texto literário; ora, não há dúvida de que, em *As aventuras de China Iron*, a polêmica travada com *Martin Fierro* é o que mais facilmente salta aos olhos. Ademais, a despeito dos monumentais esforços de Erich Auerbach (1892-1957), Northrop Frye (1912-1991), Haroldo de Campos (1929-2003) e Robert Alter (1935-) em prol do reconhecimento da Bíblia como texto literário “seminal” para a literatura ocidental (Auerbach e Frye) e como obra “literária” de refinada arte narrativa (Campos e Alter), os estudos literários ainda tendem a conceber a Bíblia exclusivamente como livro religioso das igrejas e não como texto literário da cultura.

Salvo raras exceções, não se tem em mente a Bíblia quando se pronuncia a palavra literatura. Isto acarreta dificuldades de ordem política e teórica: no primeiro caso, acabam por faltar aos estudos literários as condições epistêmicas para poder dizer sua palavra sobre o texto com o qual se seguem fabricando cenários políticos e preparando destinos sociais, sobretudo no Brasil; no segundo caso, a indiferença à Bíblia leva os estudos literários a perder de vista parte da amplidão e dos caminhos que constituem o grande diálogo que os textos literários estabelecem entre si. A esse respeito, é mister sublinhar que a limitação é dos estudos literários e não da literatura; a literatura, como se observará em *As aventuras de China Iron*, se embrenha no diálogo com a Bíblia. Com *As aventuras de China Iron*, Gabriela Cabezón Cámara não se coloca apenas diante de *Martin Fierro*, mas também, e de um modo todo particular, diante da Bíblia, dirigindo-lhe a sua palavra.

### **Alusões à Bíblia n’*As aventuras de China Iron***

A obra alude à Bíblia cerca de dezessete vezes. Uma frequência nada insignificante para um texto de menos de 200 páginas<sup>6</sup>. Afora a alusão ao batismo – quando da apresentação do

---

<sup>5</sup> Num *corpus* de treze ensaios e uma dissertação de mestrado, todos publicados entre 2019 e 2022 (vide referências), apenas Minerva Peinador (2021) alude, e de modo demasiado vago, à presença do tema da religião em *As aventuras de China Iron*.

<sup>6</sup> CÁMARA, G. C. *As aventuras de China Iron*. Trad. Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

banho como rito de passagem ao “começo de outra vida” (CÁMARA, 2021, p. 14) e da entrada numa nova comunidade de vida (CÁMARA, 2021, p. 17-19) –, todas as outras alusões são explícitas a quem esteja minimamente familiarizado com a Bíblia: a primeira palavra de Elohim [Haja luz] (CÁMARA, 2021, p. 7; Gn 1,3), o grande peixe do livro de Jonas (CÁMARA, 2021, p. 16), a Trindade (CÁMARA, 2021, p. 26), a narrativa da criação do humano a partir da terra (CÁMARA, 2021, p. 29.36; Gn 2), a caminhada de Israel no deserto (CÁMARA, 2021, p. 32-33; Ex 15), a mulher de Ló transformada em estátua de sal (CÁMARA, 2021, p. 36; Gn 19,26), o sacrifício de Jesus Cristo (CÁMARA, 2017, p. 47), a fragilidade da carne (CÁMARA, 2021, p. 51; Gn 6,3), a providência de Deus-Pai (CÁMARA, 2021, p. 94; Mt 6,25-32), o primeiro mandamento de Jesus (CÁMARA, 2021, p. 93; Jo 13,34-35), a metáfora do reino dividido (CÁMARA, 2021, p. 94; Mt 12,25), a oração do Pai-Nosso (CÁMARA, 2021, p. 94; Mt 6,9-13/Lc 11,2-4), a monogamia (CÁMARA, 2021, p. 98), a imagem de Jesus na tumba (CÁMARA, 2021, p. 151), a nudez (CÁMARA, 2021, p. 139-140; Gn 2,25-3,19) e o solene “Eu vi a Deus” pronunciado por Jacó (CÁMARA, 2021, p. 151; Gn 32,31).

Algumas dessas alusões constituem procedimentos comparativos, como, por exemplo, quando se lê que temiam ser engolidas pela terra como Jonas o fora por um peixe, ou que estavam quietas como a mulher de Ló, que fora transformada numa estátua de sal; nessas alusões, a Bíblia aparece como repertório de metáforas ou, melhor dizendo, como depósito de imagens reaproveitadas para fins de comparação comum, e o diálogo estabelecido com o texto bíblico é destituído de grande criatividade. Mas a simples comparação se complexifica em outras páginas, quando, por exemplo, imagens bíblicas se apresentam como potente intersignificação da experiência, do vivido: é o caso da aproximação entre a caminhada do povo bíblico pelo deserto rumo à terra prometida (terra que mana leite e mel) e a caminhada de China Iron, Liz, Estreya e Rosa em direção à Terra Adentro; é o caso, ainda, da aproximação entre o corpo ferido de Fierro e o corpo mutilado de Jesus, e entre os cuidados dispensados por Cruz a Fierro e a ressurreição dos mortos dispensada por Deus a Jesus – ambos saem da tumba, Fierro e Jesus, o primeiro retirado por Cruz, o segundo por Deus. Nessas alusões, o diálogo com a Bíblia tornar-se mais produtivo, sobretudo porque as aproximações intersignificantes entre o vivido e as narrativas bíblicas revelam-se complexas e, em muitos momentos, podendo ser entendidas como profanadoras do texto bíblico, sobretudo quando se leva em consideração que predomina no imaginário ocidental a concepção de que o texto bíblico é texto sagrado, mormente dando-se maior peso ao qualificativo que ao qualificado.

Há, ainda, outras alusões que parecem entabular um diálogo profundamente tenaz e criativo com o texto bíblico: a primeira palavra de Elohim [Haja luz] (CÁMARA, 2021, p. 7; Gn 1,3), a relação humano-terra (CÁMARA, 2021, p. 29.36; Gn 2), o tema da nudez (CÁMARA, 2021, p. 139-140; Gn 2,25-3,19), a Trindade (CÁMARA, 2021, p. 26), a monogamia (CÁMARA, 2021, p. 98). Nessas cinco alusões, o texto bíblico é evocado, invocado e convocado a um diálogo dos mais fecundos, redundando num constructo dialógico em que se pode testemunhar uma instigante relação com a Bíblia. Buscaremos a seguir discutir essa relação entre *As aventuras de China Iron* e a Bíblia a partir dessas cinco alusões.

### Foi o brilho. Haja luz.

“Foi o brilho” (CÁMARA, 2021, p. 7) – eis como se principia a narrativa. São as palavras com que uma china, mais tarde China Josephine Star Iron, inicia sua criação narrativa. Inevitável lembrar do poema com o qual se inicia a Bíblia e que lhe serve de prólogo (Gênesis 1,1–2,4a): “E disse Elohim: ‘Haja luz’, e houve luz”<sup>7</sup>. Ao descerrar seus lábios, Elohim cria a palavra e com a palavra; suas primeiras palavras são “Haja luz”; seu ato de linguagem faz irromper luz sobre si e sobre a escuridão.

O brilho de que fala China Iron não lhe vem de um astro lancinante a desfronhar os céus, mas do banal, do banal que se deixa desbanalizar com e mediante a linguagem. “O filhote pulava, luminoso, entre as patas poeirentas e ressecadas dos poucos cachorros que restavam por lá [...]” (CÁMARA, 2021, p. 7). No poema do Gênesis, a luz mora na comissura dos lábios de Elohim; na narrativa de China Iron, num cão ainda filhote, mas um filhote cujo brilho se dá a conhecer com e mediante palavras de China Iron.

A luz e o brilho atravessam Elohim e China Iron:

| China Iron (CÁMARA, 2021, p. 7-8)                                                        | Elohim (Gn 1,4) <sup>8</sup>      |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|
| [...] soube                                                                              | E Viu Elohim                      |
| o que queria para mim: algo radiante.                                                    | que bela era a luz,               |
| Vi o cachorro e desde então não fiz outra coisa além de procurar aquele brilho para mim. | e separou Elohim a luz das trevas |

<sup>7</sup> Tradução nossa, do hebraico.

<sup>8</sup> Tradução nossa, do hebraico.

Elohîm contempla a luz, isto é, passa a conhecê-la à medida que a cria: é o sentido sugerido pelo verbo  $\text{רָאָה}$ , *raah*, que se traduz por “ver”. China Iron passa a saber o brilho, ou seja, estabelece uma relação de consciência com o brilho. Na experiência de Elohîm, a consciência da luz coincide com a consciência do belo; na de China Iron, saber o brilho equivale a saber o que se deseja ou ainda equivale à produção mesma do desejo. Elohîm separa a luz das trevas: não pode mais deixar que esta lhe ofusque aquela. China Iron se abandona à procura daquela luz por que tanto anelava: é sua inelutável apetência.

Elohîm se encanta com a beleza da luz que ele mesmo criara. China Iron, qual estrela cadente, deslindar-se-á pampa adentro sob o fascínio do brilho, ora na fulgurante experiência junto ao filhote (CÁMARA, 2021, p. 7), ora na contemplação do brilhante de Liz (CÁMARA, 2021, p. 130), ora na pele sedutora de Kauka (CÁMARA, 2021, p. 144). Elohîm vê a luz desde um abismo coberto por trevas (Gn 1,2). China sabe o brilho num cenário “acinzentado e polvoreto, [...] embaciado” (CÁMARA, 2021, p. 7).

## O humano e a terra

Outro ponto de intersecção entre *As aventuras de China Iron* e a Bíblia é a relação que ambas estabelecem entre o humano e a terra. Se o primeiro poema da criação (Gn 1,1–2,4a) apresenta Elohîm a criar com e mediante a palavra, o subsequente conto da criação (Gn 2,4b–25) apresenta YHWH Elohîm criando com a terra. A magia da linguagem verbal dá lugar à magia do gesto artesanal. Quando ainda não havia humano ( $\text{אָדָם}$ , *adam*) para lavrar a terra ( $\text{אֲדָמָה}$ , *adamah*), YHWH Elohîm forma (molda, plasma) um *Adam* com o pó da *adamah* (Gn 2,7)<sup>9</sup>. YHWH Elohîm faz com que, de *adamah*, brote toda a vida vegetal (Gn 2,9) e, mais uma vez, toma da *adamah* a matéria com que forma toda a vida animal (Gn 2,19). Adiante, quando o casal de humanos coreografar um salto de liberdade em relação às amarras de YHWH Elohîm (quando comerem do fruto proibido), ouvir-se-á uma sentença cujo arremate retoma a relação humano-terra (adam-adamah): “No suor de teu rosto, comerás pão, até que voltes à terra (adamah), porque dela foste tomado; porquanto tu és pó e ao pó voltarás” (Gn 3,19)<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Note-se o trocadilho entre *adam* e *adamah*. Salvo raras exceções, traduz-se *adam* ( $\text{אָדָם}$ ) por *homem*. A Septuaginta (LXX), a 1ª tradução grega da Bíblia Hebraica (séc. III a.C.?), faz-lhe equivaler o termo *antropos* ( $\alpha\nu\theta\rho\omega\pi\omicron\varsigma$ ), que, diferentemente de *andros* ( $\alpha\nu\delta\rho\acute{o}\varsigma$ ) e *aner* ( $\alpha\nu\eta\rho$ ), é designação geral para ser humano. A LXX parece apreender bem o sentido do hebraico *adam* ( $\text{אָדָם}$ ): o humano, em sentido amplo e sem marcação de gênero.

<sup>10</sup> Tradução nossa, do hebraico.

À maneira dos peripatéticos, China Iron indaga-se enquanto se desloca no espaço; sua jornada pampa adentro é de um tempo filosófico. A condição humana e suas diversas relações estão em seu horizonte reflexivo. A narrativa mal começa e já se pode ouvir um solene “do pó viemos” (CÁMARA, 2021, p. 16)<sup>11</sup>, e que a humanidade é “uma estrutura óssea, mineral, como as pedras” (CÁMARA, 2021, p. 29). A consciência de sua condição, China Iron expressa-a com uma imagem bíblica por excelência: “éramos barro” (CÁMARA, 2021, p. 36). A terra, segundo China Iron, é “o barro primordial do qual viemos” (CÁMARA, 2021, p. 50), o barro que é “o princípio do mundo” (CÁMARA, 2021, p. 142).

O conto da criação (Gn 2,4b-25) e a narrativa de China Iron coincidem na percepção segundo a qual a terra é princípio (αρχή, arché) e fim (τέλος, télos) do humano. Adamah (terra), feminino de *Adam* (humano), é seu princípio e fim. A vida é um fugidio existir entre um e outro. China Iron partilha dessa consciência e expande-a a seu modo, significando-a no seio de sua experiência. Mais que especular sobre um possível tempo prístino, o conto bíblico e a narrativa argentina constituem peças literárias cuja força poética recoloca o leitor diante de um problema que jamais será de segunda ordem: suas relações com a terra e na terra, relações de procedência e de inalienável pertença. A terra como imagem antropológica por excelência é reaproveitada em *As aventuras de China Iron* dentro de um quadro narrativo que faz essa imagem deslizar de uma narrativa mítica a uma narrativa prosaica, que, por consequência, é atravessada pelos motivos míticos por ela evocados. A terra, imagem de finitude, não figura como recordação de um castigo pela transgressão humana de um interdito divino: o tom quase laudatório de China Iron com respeito à terra se mescla com um assombro que não faz desesperar.

## A nudez

A nudez é mais uma imagem que permite pensar a relação entre a Bíblia e *As aventuras de China Iron*. O conto da criação (Gn 2,4b-25) conclui-se com a anotação de que o casal primordial estava nu e não se envergonhava (Gn 2,25). Na narrativa que se segue ao conto, a primeira personagem a entrar em cena é a serpente: “E a serpente era mais astuta que todos os animais do campo que havia feito YHWH Elohim...” (Gn 3,1)<sup>12</sup>. Há um curioso jogo sonoro

<sup>11</sup> No original: “tenemos los cimientos en el polvo”. Segundo o Dicionario de la lengua española da Real Academia Española, *cimiento* deriva-se de *caementum* (lat.), que significa: base, alicerce, princípio, raiz, procedência.

<sup>12</sup> Tradução nossa, do hebraico.



entre o final do conto da criação e a narrativa que lhe sucede: עָרֻמִּים, arumîm (nus, Gn 2,25) e עָרוֹם, arum (astuta, Gn 3,1). A nudez do casal das origens copula semanticamente com a astúcia da serpente. Ao contrário do pensamento corrente, que associa nudez a inocência, essa narrativa estabelece uma relação fônico-semântica entre nudez e estultícia. Nudez: a possibilidade da estultícia; signo da transgressão: a nudez. *Corpos nus* não pedem para entrar na lei<sup>13</sup>, simplesmente adentram-na e cometem seus sacrilégios, tão imperioso é seu desejo pelo (fruto) proibido. Que é a voz serpente, senão a apetência crônica que nenhum interdito pode enterrar? A série de punições pela transgressão cometida não é nada perto do salto para fora do regime ditatorial do jardim. Ora, sabe-se que o homem e a mulher terminam vestidos por túnicas que YHWH Elohim lhes prepara. Todavia a imagem da nudez e as possibilidades transgressoras de que ela é signo transcendem o quadro da própria narrativa bíblica. Gn 3 é uma narrativa que permite dizer que pode haver mundos narrativos dentro de uma mesma narrativa; ora, grandes narrativas parecem sugerir leituras a contrapelo.

N' *As Aventuras de China Iron*, a nudez é uma imagem de primeira ordem no plano narrativo. O encontro entre China Iron e Liz marca a entrada da primeira no mundo da cultura inglesa, o que inclui, dentre outros, o uso de roupas que cobrem quase a totalidade de seu corpo:

Liz [...] me colocou uma anágua e um vestido e no fim apareceu com um espelho e então me vi. Eu nunca tinha me visto além do reflexo na água meio parada da lagoa, um reflexo atravessado de peixes e de juncos e caranguejos. Eu me vi e era parecida com ela, uma senhora, *little lady*, disse Liz, e comecei a me comportar como uma, e embora nunca tenha cavalcado de lado e logo depois comesse a usar bombachas que o Gringo havia deixado na carroça, naquele dia me fiz *lady* para sempre, mesmo galopando em pelo como um índio e degolando uma vaca de um só golpe (CÂMARA, 2021, p. 17-18).

Ao contrário da narrativa do Gênesis, as roupas entregues a China Iron não tiveram papel disciplinar nem motivação pudicícia; eram mais protocolos de uma etiqueta irrefletida que qualquer outra coisa. Tanto é que, ao longo da jornada rumo a Terra Adentro, China Iron, sob pedido de Liz, vestir-se-á como um homem inglês. E, contra a moralidade que tais vestes poderiam sugerir, Liz e China Iron entregar-se-ão paulatina e mutuamente às delícias do amor; poder-se-ia escrever amor “lésbico”, mas o adjetivo seria estranho à narrativa, que despreza a tão naturalizada taxonomia dos afetos: em *As aventuras de China Iron*, pessoas que não são simplesmente homem ou mulher são chamadas, genérica e belamente, de “almas duplas”

<sup>13</sup> Vide *Diante da lei*, de Franz Kafka.



(CÁMARA, 2021, p. 137. 159. 168). Interessa, contudo, é notar que o encontro com Liz levou China Iron a vestir-se ainda mais do que antes. A chegada a Terra Adentro e o encontro com os índios e com os que aprendiam a viver com e como os índios alteram, porém, a experiência do corpo. “Quase todos estavam nus e eram belos” (CÁMARA, 2021, p. 139) é como China Iron exprime seu maravilhamento diante dos corpos nus:

Houve um tempo seguramente breve, mas longo, feito de quietude curiosa, uma quietude de se observar: nós a eles e eles a nós, as vacas às suas vacas, meu cachorro aos seus, os cavalos a todos. Até que os pelados da dianteira de pelados começaram a cantar e caminhar: fizemos o mesmo, cantando também, caminhamos com os braços abertos, fizemos tudo o que eles fizeram e terminamos fundidos com aqueles índios que pareciam feitos de puro resplendor [...] e então, quando abracei Kaukalitrán, penetrei ainda mais fundo no bosque que resultara ser Terra Adentro. Penetrei no verão. Nas amoras que pendiam das árvores vermelhas e cheias de si. Nos cogumelos que cresciam à sombra das árvores. Penetrei em cada árvore. E soube da volubilidade do meu coração, da quantidade de apetites que meu corpo podia ter: quis ser a amora e a boca que mordida a amora (CÁMARA, 2021, p. 139-140).

Nas palavras de China iron, a nudez recorda a dignidade dos quereres e dos apetites do corpo, não a inocência casta ou o pudor ameaçado. Não há mais fruto proibido: pode-se ser, ao mesmo tempo, a amora e a boca que a morde, o limite e sua transgressão. Quando Liz e China Iron se despirem com e como os índios, elas experimentarão a relativização da ideia de laço afetivo, o que resultará na expansão dos desejos e das possibilidades de efetivá-los, afastando-se seguramente da compulsória equivalência entre afeto e posse do outro.

Há razão para ler essas linhas como uma palavra dirigida à narrativa de Gn 3. A cena bíblica da traumática passagem da nudez às vestes dá lugar, agora, à passagem das vestes à nudez. O tempo da nudez não é um passado perdido: é o porvir presentificado. Queda quase impossível ler “estavam nus e eram belos” (CÁMARA, 2021, p. 139) sem que se recorde do “estavam nus e não se envergonhavam” (Gn 2,25). E por que afinal não se envergonhavam? O conto da criação (Gn 2,4b-25) faz a desvergonha depender da inocência e da ignorância com respeito ao próprio corpo. O poema da criação (Gn 1,1–2,4a) oferece, no entanto, outra chave hermenêutica: não se envergonhavam porque tudo que *Elohîm* criou, inclusive a nudez, é *טוב*, *tov meod*, muito belo (Gn 1,31). As leituras teológicas de que temos notícia ainda não se arriscaram a interpretar o sentido da desvergonha do conto da criação (Gn 2,4b-25) a partir do poema da criação (Gn 1,1–2,4a). Tal empreendimento hermenêutico é levado a cabo em *As aventuras de China Iron*, que dilui o olhar ressentido do *YHWH Elohîm* do conto da criação

(Gn 2,4b-25) no olhar apaixonado do *Elohîm* do poema da criação (Gn 1,1–2,4a). A nudez é redimida da veste; o corpo reencontra a liberdade.

### Uma representação incomum da Trindade?

Agostinho (354-430 d.C.) conclui seu *De Trinitate* com uma oração à Trindade:

Senhor nosso Deus, cremos em ti, Pai, Filho e Espírito Santo. Pois a Verdade não teria dito: *Ide, batizai a todos os povos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo* (Mt 28,19), se não fosses Trindade. Nem nos ordenarias que fôssemos batizados, ó Senhor nosso Deus, em nome de alguém que não é o Senhor Deus. Nem a voz divina diria: *Ouve, ó Israel, o Senhor teu Deus é o único Deus* (Dt 6,4), se não fosses Trindade e, ao mesmo tempo, o único Senhor Deus. E se tu, Deus Pai, fosses Pai e ao mesmo tempo fosses Filho, teu Verbo, Jesus Cristo; e fosses o mesmo Dom, que é o espírito Santo, não leríamos nas Escrituras: *enviou Deus o seu Filho* (Gl 4,4 e Jo 3,7). Nem tu, ó Filho Unigênito, dirias do Espírito Santo: *aquele que o Pai enviará em meu nome* (Jo 14,26), e: *aquele que eu vos enviarei da parte do Pai* (Jo 15,26).

O conceito de Trindade não é uma formulação bíblica. Contudo, tal como se pode ver nesse fragmento da oração de Agostinho à Trindade, procede-se a uma bricolagem de vários excertos bíblicos para, com eles, dar sustentação textual ao que veio a ser o dogma da Trindade. Para qualquer pessoa minimamente familiarizada com a Bíblia, é mais que evidente o quão estranho é à Bíblia a arquitetura conceitual da Trindade. Mas, ao mesmo tempo, há que se reconhecer a potência das narrativas bíblicas para a fecundação da imaginação filosófico-teológica do cristianismo. Seguramente, a Trindade merece lugar entre as maiores fabulações ocidentais. Talvez inexista ficção mais labiríntica e complexa que a Trindade. Um rio sem bordas. Agostinho, com seu *De Trinitate*, não deixa mentir.

Mas a discussão sobre a Trindade não é prerrogativa exclusiva das teologias cristãs. China Iron toma a Trindade, imiscui-se-lhe, expande-a. “Enquanto a terra crescia para mim até se tornar um globo, outro mundo se consolidou na carroça. Éramos uma trindade, Liz, Estreya e eu...” (CÁMARA, 2021, p. 26). Duas mulheres e um cachorro dentro de uma carroça. Esta é uma representação incomum da Trindade? Sim e não. Alexandre Palma (2018, p. 15-16) recorda quão desconcertante é a representação trinitária de Deus em *A hospitalidade de Abraão*, ícone de Andrei Rublev (Moscou, séc. XIV):



São três que se dispõem à volta da mesa e que parecem simplesmente conviver. São três que agem de forma coordenada e trocam olhares de intimidade. São três cujas faces se assemelham a ponto de eles nos parecerem indistintos. A própria forma da mesa insinua-nos um estilo circular de vida, feito de mútua hospitalidade e de existências totalmente voltadas para o próximo. Tais figuras em nada se parecem com aquela ideia grandiosa de Deus como ser supremo, eterno, infinito, onipotente, onisciente e atributos do gênero. Tudo conceitos graves e sólidos, mas também abstratos e frios. Uma tal composição, pelo contrário, parece feita à nossa escala. Nela mais se parece descrever algo da nossa própria *experiência de vida*.

O comentário de Palma é refinado. Permite notar que a composição da Trindade de *As aventuras de China Iron* aproxima-se do ícone de Rublev quanto à convivência, à intimidade e, sobretudo, quanto à mútua hospitalidade estabelecida entre seus componentes. É o que China Iron, Liz e Estreya experimentam do começo ao fim da narrativa. Salta aos olhos, entretanto, algumas singularidades da Trindade China Iron-Liz-Estreya: não três homens, mas duas mulheres e um cão; não semelhança e indistinção, mas dessemelhança e distinção: duas mulheres de culturas equidistantes e um cão, Estreya, esse totalmente outro que marca uma comunhão radical na radical alteridade.

A Trindade, enquanto ideia, como que soluça à espera de ser sempre demolida e refeita, reinventada; o germe da derruição do dogma trinitário reside nele próprio. O romance *As aventuras de China Iron* engendra um novo itinerário para pensar a Trindade. Não mais um jogo de espelhos (semelhança, indistinção), mas encontro de alteridades que se reconhecem na diferença. Abala-se o eixo androcêntrico da teologia da Trindade: duas mulheres entram em sua composição, alterando-a substancialmente; faz-se tremer – e isto é ainda mais sério – o eixo antropológico da teologia trinitária: Estreya, um cãozinho, também compõe a Trindade. China Iron não dá crédito a Agostinho: sabe o quão pouco inteligente fora ele ao escrever que as almas dos animais “não raciocinam com a inteligência” (*De Trinitate*, Livro X).

### A monogamia e o Senhor

A palavra Bíblia aparece uma única vez em todo o romance. Aparece relacionada com o tema da monogamia. China Iron narra uma conversa na qual Hernández discorria a respeito de sua grande obra civilizacional, cujo protótipo era seu Fortim, e sobre o programa pedagógico de que ele se valia para tirar os gaúchos do “estado de larva” (CÁMARA, 2021, p. 98). “E havia escola. Os [gaúchos] que estavam lá há mais tempo já liam e escreviam. Hernández lhes

emprestava a Bíblia porque a religião lhes ensinava alguma coisa boa sobre a monogamia. E a obediência ao Senhor” (CÂMARA, 2021, p. 98).

Ao contrário do que se costuma supor, a Bíblia é desconcertantemente poligâmica em matéria de moral conjugal e familiar. Os dois primeiros capítulos do livro do Gênesis, que narram uma experiência conjugal à maneira do que se costuma chamar de monogamia, que segue influenciando decisivamente no imaginário ocidental, deve ser entendido no contexto das narrativas do mito de origem, visto que as narrativas míticas de formação do povo, que se seguem no livro do Gênesis, apresentam com naturalidade arranjos poligâmicos.

Abraão aparece casado com Sara e concubinado com Agar (Gn 16); após a morte de Sara, diz-se que ele contrai núpcias com Quetura e que tem muitos filhos com numerosas concubinas (Gn 25). Jacó casa-se com Lia e Raquel, que eram irmãs, e cada uma delas lhe concede uma concubina (Gn 29–30). Gideão contrai inúmeros casamentos e “possui” ao menos uma concubina (Jz 8). Elcana era casado com Ana e Penina (1Sm 1). David contava com cerca de oito esposas e muitas concubinas (1Cr 3). De Salomão, diz-se que teve setecentas mulheres e trezentas concubinas (1Rs 11,3). Joachim Jeremias (2010, p. 486) assegura que a poligamia era permitida na Jerusalém do tempo de Jesus. Com efeito, entre os vinte e sete livros do Testamento Cristão<sup>14</sup>, apenas a primeira epístola de Paulo a Timóteo prescreve a monogamia, e a prescrição é dirigida exclusivamente aos bispos e diáconos, ou seja, uma porção ínfima da comunidade receptora de sua carta (Tm 3, 2.12)<sup>15</sup>.

China Iron formula seu pensamento de forma sutil e contumaz com respeito a esse tema. Não diz que a Bíblia ensina a monogamia, mas denuncia os usos que a religião cristã faz da Bíblia para elevar um arranjo possível ao status de único arranjo aceitável por Deus; essa sutileza impede a narrativa de resvalar ao lugar comum das indiferenciações entre o texto bíblico e suas tradições hermenêuticas e traduções culturais. Não menos importante é notar que a percepção de China Iron a inscreve na tradição de mulheres que, ao longo dos séculos, ergueram suas vozes contra a manipulação da simbólica cristã e de seu livro sagrado (a Bíblia) para a dominação e o controle de seus corpos. A suspeita hermenêutica, categoria central das

<sup>14</sup> Novo Testamento é nomenclatura cristã; ao contrário dos cristãos, os judeus, em hipótese alguma, chamariam seu Testamento (a Bíblia Hebraica) de antigo ou velho, nem chamariam o dos cristãos de novo. Por isso, parece mais adequado chamar os escritos canonizados pelo cristianismo de Testamento Cristão, de modo que não seja necessário adjetivar o Testamento da religião Judaica.

<sup>15</sup> As ciências bíblicas contestam a autoria paulina da Carta de Paulo a Timóteo; todavia, no plano de uma leitura confessional, a força do texto independe de seu autor. Ademais, diga-se que costumam ser evocadas outras passagens do epistolário paulino como prova de sua possível reprovação da poligamia (p. ex.: 1Co 7,2; Ef 5,22-31), tratando-se, porém, de apostas textualmente insustentáveis.

teologias feministas, parece bem presente no olhar de China Iron, tanto mais quando diante destas palavras, que continuam a última citação direta:

And you [Hernández] are the Lord, aren't you?, perguntou-lhe Liz e os dois riram, e eu tive a primeira fissura numa fé que nascera em mim havia pouco tempo. Mas não liguei, se a vida ia me deparar mais noites como a anterior, eu não necessitava de nenhum deus, resolvi bem temerosa, porém feliz como estava (CÁMARA, 2021, p. 98).

A obediência ao Senhor Deus significa obediência ao Senhor Hernández; a metafísica é bem mais física do que se supunha. Se Deus é Senhor, todo Senhor é Deus. Abre-se fissura na fé que nascera no coração de China Iron. A fissura é sua possibilidade de libertação. China Iron descobre que não necessitava de nenhum deus; desde que a vida lhe desse mais noites como a anterior, noites de extremo prazer e felicidade, em que lhe importariam os deuses?

Tal como Simone de Beauvoir (1967, p.387) observa em *O Segundo Sexo*:

[...] o homem tem toda vantagem em fazer endossar por Deus os códigos que fabrica: e, particularmente, como exerce sobre a mulher uma autoridade soberana, é útil que esta lhe seja conferida pelo ser soberano. Entre os judeus, os maometanos, os cristãos, entre outros, o homem é senhor por direito divino: o temor a Deus abafará no oprimido toda veleidade de revolta. Pode-se apostar em sua credulidade.

Hernández endossa seus próprios códigos na religião e em seu livro sagrado, e seu riso em reação à pergunta *And you are the Lord, aren't you?* evidencia que tinha ele consciência de seus propósitos com a religião. A postura de China Iron instaura, porém, um desvio considerável face ao vaticínio de Simone de Beauvoir. China Iron é um caso de destemor a Deus. A religião não pode suprimir sua inclinação à revolta. Se alguém apostou em sua credulidade, esse alguém perdeu.

### **A Bíblia n'As aventuras de China Iron**

As cinco alusões sobre as quais se discorreu até aqui permitem colocar a questão de como a Bíblia aparece n'As aventuras de China Iron. A um primeiro olhar, a Bíblia aparece como uma voz incontornável: com expressiva frequência, a experiência de narrar-se se faz com retalhos de narrativas bíblicas. Imagens, figuras e temas são tomados das páginas sagradas em

função da urdidura narrativa do romance. Não é o caso de uma polêmica afetada e simplista. Assiste-se a um diálogo a um só tempo sereno e pungente com a Bíblia. O leitor ávido por uma arena de batalha à semelhança da que se encontra no brilhante *Caim* (2009) de Saramago é desconsertado ao dar com os olhos em uma sala de estar na qual *As aventuras de China Iron* e a Bíblia conversam com finíssima “mordácia”.

A princípio, o romance em apreço parece confirmar a proposição de Frye (2004) quanto a que a legibilidade de considerável parcela da literatura ocidental demandaria algum nível de conhecimento da Bíblia. A narrativa de Cámara poderia, assim, facilmente entrar para o dossiê frayeno que é apresentado como prova de que as narrativas e a imagética bíblicas entraram na composição de estruturas imaginativas e universos mitológicos dentro dos quais a literatura ocidental operou até o século XVIII e ainda operaria em grande parte<sup>16</sup>. Não é, contudo, o que se encontra em *As aventuras de China Iron*, cuja narrativa, se não submetida a equivalências programadas, não se verga. Suas páginas, da primeira à última, apresentam-se legíveis mesmo para quem a Bíblia seja uma total desconhecida. N’*As aventuras de China Iron*, o conhecimento da Bíblia não é a grande chave para desfronhar sentidos e deslindar significações. Ao mesmo tempo, o conhecimento da Bíblia patenteia uma visada mais ampla do borbulhar dialógico presente na obra e permite reconhecer seu lugar na história da recepção da literatura bíblica.

Ao adentrar n’*As aventuras de China Iron*, o leitor não se sente necessariamente dentro de uma estrutura imaginativa ou de um universo mitológico bíblicos. Tampouco se sente fora deles, mas a seu lado, em intersecção. A Bíblia pode ser vista n’*As aventuras de China Iron* como uma voz à qual é dirigida uma palavra; não mais uma palavra que aspire ao apagamento e à sobreposição da palavra à qual se dirige, mas uma palavra que aposta na possibilidade de pôr-se ao lado e arriscar uma mirada destemidamente singular.

### ***As aventuras de China Iron na Bíblia***

A maneira como a Bíblia comparece n’*As aventuras de China Iron* supõe um modo de adentrar e ler a Bíblia. As teologias da libertação e feministas talvez constituam a última grande renovação no campo da hermenêutica bíblica. Os últimos do mundo como lugar teológico e a suspeita hermenêutica como radar de leitura criaram uma verdadeira revolução na maneira como os textos bíblicos passaram a ser concebidos e interpretados, incidindo diretamente no

---

<sup>16</sup> Frye (2004, p.9-10) parece ter em vista a literatura inglesa, John Milton (1608-1674) e William Blake (1757-1827), “dois autores excepcionalmente bíblicos, mesmo para os padrões comuns à literatura inglesa”.

confortável conluio teológico com o capitalismo e o patriarcado<sup>17</sup>. Não obstante a renovação hermenêutica que as referidas teologias representam, elas parecem não romper verdadeiramente com um postulado da hermenêutica tradicional: obsessão pela reconstituição do contexto de origem do texto – o *Sitz im Leben*. Intrínseca a essa obsessão é a crença no texto como cifra cuja senha residiria em parte na mente de seu autor, em parte nas circunstâncias históricas em que seu autor o escreveu. O procedimento requerido por essa crença é o da contextualização, que consiste na leitura do texto em seu contexto de origem, no qual supostamente jaz o sentido com respeito ao qual o texto seria um mero indício.

O romance em tela permite entrever que as derradeiras renovações dos modos de ler a Bíblia não se encerraram no domínio teológico propriamente dito, mas se prolongam na literatura. Não se trataria, com isso, de apostar tanto e outra vez na *intentio auctoris*, mas de constatar e discutir, na materialidade da obra, o que pode ser pertinentemente lido como uma operacionalização de um certo modo de ler a Bíblia.

N’*As aventuras de China Iron*, o reatamento dos supostos nós entre os textos e suas origens não está na ordem do dia. Ainda que se reconheçam umbigos nos textos, os cordões umbilicais são concebidos como estando há muito cortados e para sempre perdidos. A vida semântica dos textos bíblicos deflui do inteligente menoscabo para com os úteros em que haveriam sido gestados. As figuras bíblicas são tomadas e vexadas, seus temas são torcidos pelas costas, suas imagens são profanadas, seus sentidos são desestabilizados. A desumbilicalização do sentido levada a cabo em *As aventuras de China Iron* redundará na reabertura do sentido no seio da significação enquanto processo inacabável. Os textos bíblicos são trasladados de laboratórios de inspeção para um ateliê de experimentação. A eclosão de sentidos latentes e mesmo a fabricação de novos sentidos se processa numa cópula entre os textos bíblicos e os novos contextos abertos pelo romance, algo que se aproxima da dinâmica intrínseca ao espírito hermenêutico de interpretação da Bíblia desde o início da era cristã.

O oráculo isaiano (Is 7,14) dirigido ao rei Acáz sobre a promessa do nascimento de seu filho Ezequias é retomado no Testamento Cristão como sendo um oráculo sobre o nascimento de Jesus Cristo (Mt 1,22-23). A recitação do Sl 22 na narrativa da paixão de Jesus (Mt 27,45-46; Mc 15,33-34) e a leitura do Sl 16 como profecia sobre a ressurreição de Jesus (At 2,25-28) são dois casos que se somam ao primeiro no recurso à cesura operada no cordão umbilical que relaciona os textos a seus contextos de origem.

---

<sup>17</sup> Para uma visão de conjunto sobre teologias da libertação e teologias feministas, ver GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Edições Loyola, 2012.



*As Homilias sobre o Gênesis*, de Orígenes de Alexandria (1999, p.103-129), talvez escritas no século III, atestam a sobrevida desse procedimento desumbilicador como necessário à eclosão e fabricação de sentidos. Tal procedimento enseja a leitura tipológica de recorte cristológico que Orígenes opera sobre o primeiro livro do Testamento Judaico. Sua segunda homilia, intitulada *A arca de Noé*, estabelece uma identificação entre Noé e Jesus Cristo: este último é apresentado como o verdadeiro Noé, tão superior é sua justiça à daquele que o Gênesis qualifica como justo, íntegro e companheiro de Deus (Gn 6,9). A leitura de Orígenes, levada a cabo mediante três etapas – interpretação literal, interpretação espiritual e interpretação moral – pode ser concebida como três cortes sucessivos no cordão umbilical dos textos bíblicos<sup>18</sup>.

A singular configuração da obra *As aventuras de China Iron* deixa entrever sentidos dentro de um perímetro marcadamente religioso; diálogo com tradições da hermenêutica cristã e diálogo com hermenêuticas latino-americanas da libertação e feministas, possibilitando, pela dinâmica desumbilicalizadora de suas inter-relações, funcionar como máquina de profanação, permitindo vislumbrar a transposição da esfera mítica à prosaica. Na esteira de Bakhtin,

[...] mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento (BAKHTIN, [1974] 1997, p. 414).

A desumbilicalização operada em *As aventuras de China Iron* com respeito aos textos bíblicos – a cesura destes no que concerne a seus contextos de origem – constitui um corte produtivo de índole liberadora e fabril: sentidos plausíveis se desencantam, o prosaico é reabilitado como oficina semântica.

## Referências

AGOSTINHO. *A Trindade (De Trinitate)*. São Paulo: Paulus, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 400-414.

<sup>18</sup> A Cabala Judaica também poderia ser evocada como um exemplo de leitura que se faz por meio de procedimentos de desumbilicalização.

BÍBLIA. *Antigo e Novo Testamento*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BÍBLIA. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983.

BILLI, Noelia. El Plantacionoceno en el “desierto” argentino. *Las aventuras de la China Iron* como narrativa indisciplinada para la alteración de mundos. *Aisthesis* 72 (2022) p. 10-30.

CÁMARA, Gabriela Cabezón. *As aventuras de China Iron*. Tradução de Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

CROCE, Marcela. Provocaciones al canon: género y crítica acicateados en *Las aventuras de la China Iron*. *Palimpsesto* 10/17 (2020) p. 16-23.

DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Trad de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

DE LEONE, L. Vuelos erráticos sobre una pampa migrante. *Las aventuras de la China Iron* de Gabriela Cabezón Cámara. *Revista de estudios literarios latinoamericanos* 10 (2021) p. 64-78.

DESTÉFANIS, Laura. Nomadismos simbioses hacia la Tierra sin Mal: *Las aventuras de la China Iron*. *Confluenze* 14/2 (2022) p. 55-73.

DICCIONARIO ARGENTINO. Barcelona: Imprenta Elzeviriana de Borrás y Mestres, 1910.

FRÍAS, Luis Enrique Escamilla. Trans-fundar la Argentina: nación, autoría y masculinidades en *Las aventuras de la China Iron* de Gabriela Cabezón Cámara. *Cuadernos del CILHA* 34 (2021) p. 1-27.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GONZÁLEZ, Daniela Rocío Rodrigues. *Las aventuras de la China Iron* desde la teoría de Judith Butler. *Revista de Lengua y Literatura* 39 (2021) p. 134-146.

GRAS, María Laura Pérez. Retornos desviados al desierto y al río decimonónicos en *Las aventuras de la China Iron*. *Babedec* 10/19 (2020) p. 236-253.

GRAS, María Laura Pérez. Las paradojas del desencanto. Ucronía y utopía en *Las aventuras de la China Iron*. *Letras* 83 (2021) p. 38-51.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. Tradução de M. Cecília de M. Duprat. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

MAGRI, Ieda. *As aventuras da China Iron*: trans-formações radicais para o fim do mundo. *Aletria* 32/2 (2022) p. 290-311.

MINERVA, Peinador. Refundando la patria argentina, desdibujando límites normativos. *Las Aventuras de la China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara. *Romanica Olomucensia* 33/2 (2021) p. 289-304.

ORÍGENES. *Homilías sobre el Génesis*. Traducción de José Ramón Díaz Sánchez-Cid. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1999.

PALMA, Alexandre. *O mistério da Trindade: falar de Deus junto de nós*. São Paulo: Paulinas, 2018.

PORTELA, Guillermo. Almas dobles: fronteras que se diluyen en *Las aventuras de la China Iron* de Gabriela Cabezón Cámara. *Anuario de la Facultad de Ciencias Humanas*. 16 (2019) p. 40-47.

ROLLI, Florencia. Disidencia sexual en reescrituras del Martín Fierro. *RIDAA-UNQ* (Repositorio Institucional Digital de Acceso Abierto de la Universidad Nacional de Quilmes). Disponible em: <http://socialesyvirtuales.web.unq.edu.ar/archivo-4/s-y-v-nro-7-sumario/articulos/disidencia-sexual-en-reescrituras-del-martin-fierro/>> Acesso em: 12 fev 2023.

ROTGER, Patricia. Desierto sonoro: sexualidad lesbiana y gauchesca en *Las aventuras de la China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara. *Interdisciplina*. 10/27 (2022) p. 45-52.

VÁSQUEZ, Lucas Nazareth Cariaga. *Hacia una lectura decolonial y transmoderna de Las Aventuras de la China Iron*. 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Espanhola) – Universitas Osloensis. Oslo, 2022, p. 110.

**Recebido em:** 08/06/2026.

**Aceito em:** 11/07/2026.